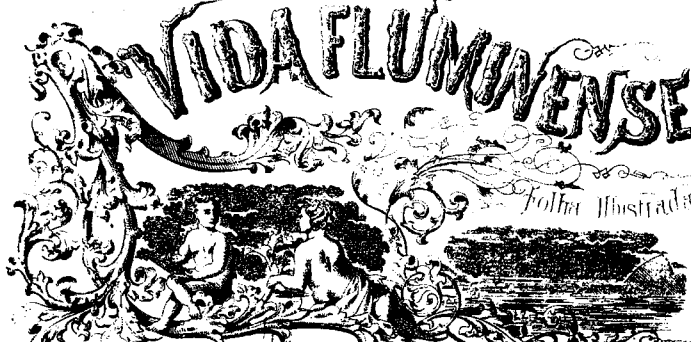


VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada




ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR
52-sobrado 52.

CORTE

| | |
|-----------|-------|
| Trimestre | 5000 |
| Semestre | 10000 |
| Anno | 20000 |

PROVINCAS

| | |
|----------|-------|
| Semestre | 11000 |
| Anno | 21000 |
| Avulso | 15000 |




Os Directores do Banco Commercial e Hypothecario, da cidade de Campos.
D. Thomaz X. Coelho Rufino Gomes de Jeronymo Teague
de Almeida Oliveira J. Clemente
visto e lido.

Aos Srs. assignantes

que ainda não tiverem recebido o *Supplemento comemorativo dos principaes festejos que se fizeram no cêbulo do Rio de Janeiro pelo feliz regresso do SS. MM. II.*, pedimos de o reclamarem no escriptorio da folha, para lhes ser immediatamente remetido.

Com a folha de hoje segue para as provincias o mesmo supplemento.

Cavaco

Recebêmos e agradecemos o exemplar que nos foi offerecido do

« Escola mathesiologica seguida de um curso sobre a reforma na instrucção publica, e de um methodo mnemopico, por Luiz Maria Vidal »

Livros destes são sempre bem vindos, porque o paiz carece delles.

Felicitemos sinceramente o author de tão útil e recommendavel trabalho.

A VIDA FLUMINENSE

Rio. 15 de Setembro de 1872.

Eleições, canôes, cabeças quebradas, ventas esmurçadas, descomposturas, tranbaldões, o club da Reforma em papas de aranha, as *actas* crescendo tanto como o agrião em terreno alagadico, o Serra perdendo o peso e volume a um tempo, o Sr. Ferreira Vianna ameaçado de ficar... Vianna sem mais nada, o Sr. Duque Junior coberto de gloria e aclamado o primeiro entre os primeiros para conduzir um pleito eleitoral de qualquer especie e natureza—eis o balanço da semana relativo aos 7 dias que terminam hoje.

Tivemos tambem, sabbado passado, a inauguração da estatua de José Bonifácio, festa que muito teria dado que fallar, se a mania desta nossa boa gente não fosse eleições o mais eleições... e o tempo actual não fosse dellas.

Mas que?

No dia 7 foi a estatua assumpto para a maior parte das palestras: no dia 8 ainda um ontro fallava dos festejos da vespera, mas no dia 9 as eleições absorveram de novo as attentões; e as *candidaturas* atiraram outra vez aos abysmos, do esquecimento o velho patriarcha da nossa independencia.

Felizmente lá está o bronze para mostrar logo que termine a febre eleitoral, bem entendido que os vultos como o de José Bonifácio não podem ser facilmente esquecidos.

Acerca da estatua divergem as opiniões.

Uns acham-na sublime sob qualquer ponto de vista que a encarem; outros enfezada de mais em relação ao grande vulto que commemora; muitos pensam, como eu, que mais alguns palmos de altura, e menos

simplicidade de ornatos, em nada teriam prejudicado o negocio.

Em todo o caso antes assim.

Daqui a alguns annos nobreza, clero e povo saborão que José Bonifácio foi um dos mais poderosos auxiliares da nossa independencia, e o velho patriarcha não estará exposto a que um *beneficiado* qualquer tome informações a seu respeito, antes de mapingir-lhe o bilhete do *beneficio*.

Ahi vai o caso na sua singulissima pureza.

Era n'um camarim de theatro, ali pelos começos do mez corrente.

Ao fundo, convergavam dous actores e um jornalista muito conhecido: no primeiro plano, outro actor, sentado n'uma poltrona, manejava, com ares de descontentamento, varios maços de bilhetes de um projectado *beneficio*.

O jornalista fazia sérias considerações sobre as virtudes civicas de José Bonifácio, fallava com entusiasmismo do seu grande talento poetico, e encarecia o acrysotado patriotismo do velho patriarcha da independencia.

Os actores ouviam-no boquiabertos, ao passo que o tal *manejador*... de bilhetes parecia não dar a menor attenção á palestra, tal era o afan com que recitava os maços da sua mercadoria.

Terminada a apologia de José Bonifácio, o jornalista apertou a mão dos actores que o haviam escutado, e dispunha-se a pôr o pé no primeiro degrão da escada, na firme tenção de ir cêdar ao hotel Regencia, quando o outro actor, que tão absorvido parecia até alli na contagem dos bilhetes, pegando-lhe no braço, e chamando-o de parte com certo ar de mysterio, disse-lhe:

« Desculpe, meu caro doutor. (Não sei porque a maior parte dos actores se obstina em dar carta de bacharel a todo o jornalista que, nem como ovinente, se sentou jamais nos bancos de qualquer academia.) As coisas não correm bem. Os *benefícios* são muitos e o publico já foga dellas como o dinho da cruz. Este Sr. Bonifácio, de quem fallou com tanto enthusiasmo, não estava no caso de acceitar um *canuote* ou *passar-me algumas cadeiras*? »

O jornalista não pôde conter o riso; mas, sem querer arrancar o seu interlocutor da illusão em que vivia, respondeu-lhe:

« Pois não! Está muito no caso de *passar-me a casa inteira se lhe der para ahí, porque é um nome verdadeiramente popular. Procure-o no largo de S. Francisco, para onde se mudou no dia 7, e verá se perle o seu tempo.* »

O actor desfez-se em cumprimentos, apertou reconhecido a mão do jornalista, o deixou escorregar pelas faces duas lagrimas de gratidão.

Não sei o desfecho do negocio.

Quem me parece não foi precisão de passar os bilhetes do seu *beneficio*, annuciado para segunda.

feira proxima no theatro Lyrico, é a Sra. Zulma Bonfár, verdadeira notabilidade artistica, no seu genero.

Pelo menos o espectáculo é daquelles que produzem sobre o publico o mesmo effeito que o imán produz sobre o ferro.—

Ora vejani lá:

A companhia hespanhola representá, pela primeira vez, uma zarzuela em dous actos:

a Sra. Zulma, coadjuvada por Melle. Delmery, canta o *duo da Chanson de Fortunio*:

seguem-se alguns trechos a solo cantados pela beneficiaria:

e a noite termina por uma scena comica representada pelo Vasquez.

Ação pouco?

Z.

OS DIRECTORES DO BANCO COMMERCIAL E HYPOTHECARIO DA CIDADE DE CAMPOS

Damos, na primeira pagina do nosso semanario, os retratos dos tres cavalheiros, a quem se deve a creação do Banco, que, além de ser hoje um dos principaes estabelecimentos da opulenta cidade de Campos, vai tornar-se perenne fonte de prosperidade para o commercio e lavoura daquelle importante municipio.

O Dr. Thomaz José Coelho d'Almeida é bacharel formado em direito pela Academia de S. Paulo, onde deixou nome estimado, não só pela sua brilhante intelligencia, como pelo cavalheirismo e honradez que sempre caracterisaram os actos de sua vida academica. São conservadoras as suas idéas politicas, mas sem o menor vestimbre de mal cabida exaltação.

Quando chegou a Campos exerceu a jurisdicção municipal, sendo depois nomeado promotor. Em qualquer desses cargos mostrou habilitações sérias e grande inteireza de caracter.

Actualmente é presidente da camara municipal.

A figura brilhante que fez na assembléa legislativa provincial, os relevantes serviços prestados ao municipio,—taes como a ponte sobre o Rio Parahyba, o maldito publico, e a estrada de ferro de S. Sebastião—levaram a população a conferir-lhe essa honra.

Hoje a cidade de Campos deve ainda ao Dr. Coelho d'Almeida a creação do Banco Commercial e Hypothecario, de que foi elle um dos principaes iniciadores, divida que espera pagar-lhe com o diploma de deputado á Assembléa Geral, que deve reunir-se em Dezembro proximo.

Rufino Gomes d'Oliveira é um dos negociantes mais probes e populares da cidade de Campos.

No longo prazo de trinta annos de existencia commercial a sua probidade jámais foi desmentida.

Possue hoje avultada fortuna, que maior seria se das suas sobras não tirasse annualmente bom quinhão para os pobres.

Rufino é liberal convicto, mas não lhe serve isso de obstaculo ás affectões sinceras que conta no partido conservador.

Dotado de muito tino e de grandes idéas de progresso, relativas ao municipio onde vive, é a este homem que se deve, especialmente, a incorporação do Banco Commercial, de que é hoje director.

Jeronymo Joaquim d'Oliveira é um dos Portuguezes mais benquistos no Brasil, onde reside desde 1843.

A leitura, a que se deu, dos bons livros, e as suas tendencias para o desenvolvimento das cousas litterarias fizeram com que elle fosse um dos fundadores do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro, cabendo-lhe a honra de ser eleito seu primeiro presidente.

Tendo de retirar-se para Campos, onde é actualmente tido na conta dos mais acreditados commerciantes, emprega as horas livres da sua vida commercial na creação e desenvolvimento de sociedades de incontestavel vantagem e utilidade. E' assim que a Phenix Litteraria lhe deve a existencia, bem como a Companhia de seguros *S. Salcedor*, para cuja organização concorreu com todas as forças de sua vontade e influencia.

A muita confiança e credito de que o Sr. Oliveira goza na praça de Campos, deve-se, em grande parte, a rapidez com que se criou o Banco Commercial e Hypothecario, de que é, tambem, um dos directores.

S. S. S.

Eduardo De Martino

Este distincto pintor — um dos principaes ornamentos da colonia italiana residente entre nós, não só pelo talento que tem manifestado em seus trabalhos d'arte, como pelas excellentes qualidades moraes de que é dotado — vai expor em breve duas grandes telas commemorativas de episodios nacionaes.

A primeira representa *O desembarque de S. M. a Imperatriz no porto do Rio de Janeiro, em 1843.*

A' direita vê-se a esquadra napolitana; á esquerda os navios brasileiros. A galocha imperial, e varios botes carregados de gente, que solta vivas, occupam o primeiro plano.

E' um trabalho primoroso, pela concepção e pela execução.

Ha vida naquelles grupos de remadores e gente curiosa, e uma transparencia nas aguas digna de minuciosa observação.

O assumpto da segunda é — a aborizagem da fragata brasileira *Imperatriz* pela esquadra argentina sob o commando do almirante Brown, na bahia de Montevideo, em 1826.

A acção passa-se de noite, e, por isso mesmo, são admiraveis os effeitos de luz do que o pintor lançou mão para reproduzir o historico episodio.

Em breve terão os amadores occasião de admi-



"Não, consola! Não é verdade, senhor conego?"
 "Oh! Excellencia reverendissima! se elles se doborassent!"



Farpas... hesparholas.
 Não se encontram no theatro do Sr. Dupont, mas
 invadem os corredores do theatro lyrico.
 (Atenção aos leitores que não quizerem ser... farpados.)

navos.



o publica. Siga
maldade o seu ba-
to. Como que
a, não morre.

CASA MUNICIPAL

O que deveria ser
um presidente de república em
qualquer dia do anno.
Que diabo. Liberdade, igualdade e
fraternidade... oblige!

O que é
um presidente de república
em dia de gala.
Galões, fitinhas, plumas &c.

Menos arapazado, senhores candidatos. São nove as bicas e tem
água à fôrça. Descansem, hade chegar-lhes a sua vez.

rar qualquer desses trabalhos d'arte, destinados a enriquecer as nossas collecções, e a provar o nosso crescente gosto pelo bello, na rigorosa acceção de palavra.

P. A.

Theatro Gymnasio

Enquanto outros theatros regorgitam de espectadores entusiasmados perante os *abortos* que alli se mostram, o Gymnasio, sanctuario da arte, onde se representa a comedia em toda a sua pureza, vê-se muitas noites a bracos com a falta de frequentadores.

Sentimos que a maioria do nosso publico se deixa arrastar por transformações e visualidades, esquecendo que existem artistas, como Anna Cardoso, Valle, Silva Pereira e Silveira, verdadeiros talentos formados, que contão seus triumphos por cada noite que representam. Temos profunda convicção de que a uniaão pelas *parolinas* e *mogicas* ha de passar. Então o Gymnasio colherá o fructo de seus constantes esforços, por conservar-se fiel ás suas tradições nesta epocha do mau gosto. Já que o governo não se lembra de que a par dos caminhos de ferro e dos telegraphos devam marchar as bellas-arts, deixando o theatro morrer á mingua dos seus favores, o publico deve proteger aquelles que tomarão o theatro por um apostolado e não por uma casa de negocio.

Fallemos da representação do dia 10.

Principiou o espectáculo pela comedia *Os Amores de D. Branca*. Apesar de não gostarmos da comedia como trabalho litterario, porque, além dos personagens ser-vir mal desenhados, contém scenas onde o dialogo é por demais frio, applaudimos a sua feliz interpretação. A Sr. D. Anna Cardoso, no papel de Branca, manteve-se na altura do seu grande nome, primando como sempre pela naturalidade e vida que dá a todos os papeis de que se encarrega. O Sr. Valle é incontestavelmente um grande comico; ninguém pôde estar serio ao vê-lo entrar em scena: o riso rebenta espontaneo e a tristeza foge-nos ante o seu espirito e jovialidade. No papel d'Antonino provou-nos mais uma vez que se pôde ser comico sem lançar mão de palhaçadas ridiculas.

O Sr. Silveira é um artista intelligente e sympathico. O papel de Bernarmino não podia encontrar melhor interprete. Os nossos galãs comicos devem aprender com elle, sobre tudo, a calçar uma luva, e ver como as maneiras distinctas se casam com a elegancia do traje.

Seguiu-se pela menina Martins a scena comica *Sou um grande conquistador*. A criança artista, representando cousas que ainda não comprehendendo, revela enorme vocação pela arte. Estudando e seguindo os conselhos dos mestres, pôde um dia ter um grande nome.

Nô o genio do Valle poderia dar graça a uma canção feita a proposito das eleições. Com fran-

queza, os versos são máos, e se o seu autor soubesse tirar partido do assumpto (que a isso se prestava e muito), outro seria o successo.

Terminou o espectáculo com a comedia *Casas por informações*, cabendo os principais papeis a Sr. D. Apollonia, Valle e Silva Pereira.

Cada vez nos convencemos mais de que a arte dramatica muito tem a esperar dessa talentosa actriz. O papel de Julia é a verdade do que avançamos.

Não podemos aquilatar do merito do Sr. Silva Pereira, por ser a primeira vez que tivemos occasião de vê-lo em scena. A julgar pelo que vimos, é um actor de talento, já pela maneira de dizer o seu papel, já pelo dialogo, de sua lavra, que muitas vezes mantem com o ração do Valle.

Continue a companhia do Gymnasio a dar-nos espectáculos desta ordem, e será a unica que virá a merecer as boas graças do nosso publico, porque o *mau gosto* ha de ter um termo.

Olá, se hade.

P. R.

O doente e o doutor

Que a puber, atormentada immundidade se desdorre: uma vez cõa facultade GABRIEL

O Doente

Ai! meu Deos! não posso mais..

Que tormentos dá-me a dôr!..

Vão chamar a toda a pressa,

Senão morro, o meu doutor.

Eis que chega o *silva-vidas*,
Perguntando « *O que ha de novo?* »

« Ai! doutor (diz o doente),

a Recali por comer ovo.

« Ronca sempre esta barriga.

« Não me deixa descansar,

« Tenho as tripas em desordem.

« Já nem posso me virar.

« Ai! doutor, acuda á gente..

« Minhas tripas deram um nó:

« Me parece que por dentro

« Ando rosca de sipó!

« Dê-me tanto, aqui, no laço.

« Que nem posso respirar,

« Meu doutor, eu lhe prometto

« Pagar bem, se me salvar.

Doutor

« Não é nada, meu amigo,

« Simplesmente « *indigestão* »;

« Vou lhe dar um vomitorio.

« Prevenir a congestão.

« Para a dôr que tem no lado

« Do travesso oração,

« Cataplasmas e pomadas,

« Mel de pão, basilico.

Doente

« Estou fraco, muito fraco

« Tenho gran dysenteria...

Doutor

- « Não se inquiete, von cural-o
« Vou-lhe dar uma sangria.

Doente

- « Sinto dores cá no peito.
« Minha vida ameaçada...

Doutor

- « Isso passa n'um momento;
« Coma pão e marmelada.

- « Além disso é necessário
« Sinapismos applicar,
« Sanguesugas na barriga,
« Muito sangue lhe tirar.

Doente

- « Ah! maldito curandeiro
« Tu pretendes me matar!

Doutor

- « Cala a boca, meu pateta
« Que desejo te curar.

Eis que morre o padecente
Vai-se embora o curandeiro
Que matou, mas *legitimamente*,
E ganhou muito dinheiro.

F. N. Miteques.

Epigramma

Doutor, eu quero remédio!
Mas não quero homeopathia!
Que ella cura é bem verdade,
Mas dizem ser agua fria!

Com ella sarei....
Sarei o Thomé....
Mas inda assim mesmo
Eu não tenho fé!

Xaropes, oleos, tizanas,
É justo a gente comprar:
Mas por tres ovos do aranha
De prompto os cobres lascar!

Ohho, dá zanga.
Mesmo curado,
De tal remedio
Se ter tomado....

Venha a velha allopathia,
Que outra cousa sempre é!
Fois com ella a gente pita
E tambem toma café!

Embora se soffra
Das drogas a acção...
Ao menos se toma
Remedio em porção!

ANNUNCIOS**137 Rua dos Ourives 137**

EDUARDO SOUPELT

RELÓGIOS E JOIAS

Collecção variatissima do joia do gosto mais moderno;
brilhantes de primeira agua, esphiras, rubis e topázios.

Relógios dos fabricantes mais acreditados, de todos os
preços, feitos e tamanhos.

Correntes para relógio (grande especialidade desta casa).

CONCERTOS AFIANÇADOS

EXTRAORDINARIA PROMPTIDÃO E PREÇOS LIMITADOS

Rua do Marquez d'Olinda

EM ROTAFOGO

CASA DE SAUDE DO DR. EIRAS

Este grande estabelecimento torna-se muito recommendavel
aos doentes, em consequencia de sua posição e magnificas
disposições hygienicas.

Vastas enfermarias, grandes salões, quartos arcajados, serviço
confiavel e preços moderados, são os predicaes desta casa.
Banheiras de marmore, banhos de chuva, de vapor, duchas
e toda a especie de banhos medicinas.

Os quartos particulares, tanto para officinas e capitães de
marinha mercante, como para qualquer pessoa que deseje estar
sô, são espaçosos, bem arcajados, e contém tudo quanto é ne-
cessario a qualquer doente ou convalescente.

Rua do Marquez d'Olinda**70, 72 Rua d'Assembléa 70, 72**

HOTEL DAS QUATRO NAÇÕES

F. Barandier, actual proprietario deste grande hotel e res-
taurante, previne ao respeitavel publico e ás numerosas pessoas
que costumam vir hospedar-se em sua casa, que, graças aos
notaveis melhoramentos feitos ultimamente, este hotel assumio
um dos primeiros logares entre os melhores desta corte.

Salas e quartos mobilados para todos os preços, aposentos
dignos de um principe, serviço de cozinha a cargo de um afa-
mado professor, jantares e almogás a qualquer hora e a preço
fixo, e finalmente tudo o que pôde ser agradável ao corpo em
geral e ao estomago em particular.

70, 72 Rua d'Assembléa 70, 72**83 Rua do Ouvidor 83**

CAMBAROQUE

CARRELEIRO DE PARIS

Participa que mudou sua residencia e o seu salão para bar-
bear, frisar e cortar esbellos, da rua dos Ourives, para a

83 Rua do Ouvidor 83

Typ. — Aschoulen — rua Sete de Setembro n. 71

A VIDA FLUMINENSE



Vento pela prôa.
 "Com tal pampiceiro corre o batedor risco de ir despedaçar-se contra
 aquelles rochedos. Ainda d'esta vez não ha meio de chegar a
 terra da promissão!"